Dia 12 — São Gregório, Papa e Confessor

São Gregório, a quem com justiça se dá o distinto título de Magno e é universalmente reconhecido por um dos mais santos pontífices e dos mais célebres doutores da Igreja, nasceu em Roma pela metade do século sexto. Seu pai, Gordiano, era pessoa de muita distinção naquela corte, tanto por seu emprego de senador como por sua antiga nobreza; e sua mãe, Sílvia, não o era menos por sua rara piedade. Tendo nascido de uma família tão ilustre e tão santa, não podia faltar-lhe a mais cuidadosa educação, embora sua rica índole lhe deixasse pouco que fazer. Um engenho excelente, as inclinações nobres e cristãs e um ardente amor ao estudo constituíram-no em pouco tempo a admiração do senado. Assinalou-se tanto nele, tanto por sua rara sabedoria como por sua nervosa eloquência e prudência extraordinária, que o imperador Justino II, sem reparar em seus poucos anos, conferiu-lhe o emprego de prefeito, isto é, de governador de Roma, atendendo nisso mais a seu mérito que a sua qualidade.

Não se entibiaram nem descaíram seus piedosíssimos pareceres com esta primeira dignidade do império romano na Itália; mas, embora seus fins não pudessem ser mais sãos nem seus motivos mais puros nem mais irrepreensível sua conduta, conheceu logo que é sumamente dificultoso conservar a inocência em meio das grandezas mundanas e aplicar bastantes defensivos para livrar-se de seu contágio. Crescia com as honras o desejo de pôr-se a coberto dos perigos, e parecia-lhe mais a propósito para a salvação a vida particular. Facilitou-lhe Deus o caminho com a morte de seu pai Gordiano, que com uma rica herança lhe deixou inteira liberdade para dispor de sua pessoa, especialmente depois que sua mãe, Santa Sílvia, se retirou à casa de Cela-Nova para viver ali como viúva cristã. Fundou e dotou seis mosteiros na Sicília, onde tinha grande parte de seu patrimônio, e outro sétimo em Roma, em sua casa paterna, dedicado a Santo André, o qual subsiste hoje e o ocupam os padres camaldulenses. Feito isto, renunciou ao ofício de prefeito, vendeu o que restava de sua fazenda com todos os seus preciosíssimos móveis e repartiu o preço entre os pobres; e, deixando inteiramente o mundo, tomou o hábito de monge em seu mosteiro de Santo André, sob a disciplina do santo abade Valêncio.

Começou com tanto fervor e entabulou uma vida tão estreita que arruinou sua saúde. Mas nem suas frequentes enfermidades, nem suas habituais indisposições lhe impediam o orar quase continuamente e o estar lendo, ditando ou escrevendo.

Informado o papa Pelágio II das grandes prendas de virtude e sabedoria de Gregório, ordenou-o diácono da igreja de Roma e enviou-o com caráter de núncio a Constantinopla, para que negociasse com o imperador Tibério algum socorro contra os lombardos. Mal chegou à corte, temendo distrair-se nela, fez vir Maximiano, abade de Santo André, com alguns outros monges, para viver com eles dentro do palácio do imperador como poderia no mosteiro.

Nesta viagem e estada em Constantinopla conheceu e travou estreitíssima amizade com São Leandro, arcebispo de Sevilha, a cujas instâncias compôs aquela excelente obra dos *Morais* sobre Jó. Teve muitas conferências com Eutíquio, patriarca de Constantinopla, que estava imbuído neste erro de Orígenes: que depois da ressurreição não havia de ser palpável nosso corpo. Convenceu-o São Gregório de seu erro, e o patriarca desenganou-se tão de verdade que, estando para morrer, tomava a pele de seu braço com a mão e dizia: Creio que todos havemos de ressuscitar nesta mesma carne.

Voltou São Gregório a Roma no fim do ano 585 e, tendo-se retirado a seu mosteiro de Santo André, obrigaram-no a encarregar-se de seu governo, fazendo-o abade, por haver sido promovido Maximiano ao bispado de Siracusa. Fez florescer nele a observância religiosa com tanta perfeição que, tendo sabido que um monge tinha guardadas sem licença três moedas de ouro, não só mandou que ninguém do mosteiro o visitasse durante sua última enfermidade, mas, não obstante haver morrido muito arrependido de seu pecado, não quis que se lhe desse sepultura eclesiástica, ordenando que o enterrassem num monturo juntamente com as três moedas de ouro e que em vez de responso cada monge cantasse ao redor da sepultura aquelas palavras que pronunciou São Pedro contra Simão Mago: *Pecunia tua tecum sit in perditionem*: que teu dinheiro pereça contigo. Usou o santo desta severidade para escarmento dos demais; mas depois mandou celebrar trinta missas pela alma daquele monge, o qual na última delas apareceu glorioso ao santo abade, dando-lhe as graças por sua caridade e por seu rigor; sendo este o princípio das trinta missas que chamam de São Gregório.

Morreu de peste o papa Pelágio no ano 590; e o clero, o senado e todo o povo romano, de unânime consentimento, pediram o diácono Gregório por seu sucessor. Só ele desaprovou e resistiu a sua eleição. Mas em vão escreveu ao imperador Maurício para que não a aprovasse; em vão escapou fugitivo e disfarçado, ocultando-se na gruta de um intrincado bosque; buscaram-no, encontraram-no, conduziram-no a Roma, e foi consagrado no dia 3 de setembro do mesmo ano com aplauso universal.

Esta suprema dignidade foi para ele nova obrigação de aspirar a mais elevado grau de virtude. Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha, que vivia naquele tempo, chama nosso santo grandíssimo em humildade. Com efeito, foi assombrosa neste grande pontífice; todas as calamidades públicas as atribuía a seus pecados.

Quis dar razão do motivo de sua fuga quando o elegeram papa a João, bispo de Ravena, e dirigiu-lhe seu excelente livro do *Cuidado pastoral*. Cheio do mesmo espírito que São Paulo, explica nele as tremendas obrigações do cargo episcopal, de que se tinha por indignísimo, sendo assim que era o mais perfeito modelo de santíssimos prelados.

Não é fácil explicar o terno e afetuoso cuidado com que este santo pastor olhava por todo o seu rebanho, nem a grande extensão e infatigável solicitude com que se dilatava sua vigilância a toda a Igreja. Estendia-se sua atenção até os últimos termos do reino de Jesus Cristo; nada escapava à imensidade de seu zelo. Tudo o que podia contribuir à glória e serviço de Deus e à salvação das almas, tudo o reputava por grande e por digno de suas atenções. Ao ver as minúcias a que descia nos regulamentos que continuamente publicava para a reformação de Roma, poder-se-ia pensar

que estava inteiramente ocupado em compor os costumes daquela só cidade; e, com tudo isso, ao mesmo tempo admirava toda a Igreja sua solicitude e experimentava seus efeitos.

Reprimiu a audácia dos lombardos, conteve suas correrias, trabalhou com felicidade em sua conversão e restituiu a paz a toda a Itália. Reduziu os donatistas e os demais cismáticos da África, apesar de sua obstinada pertinácia, e pô-los em razão por meio de Gaudêncio, governador das sete províncias africanas. Destruiu na Espanha e em toda a Europa as miseráveis relíquias do arianismo. Teve o consolo de ver os frutos de seu ardente zelo pela conversão dos judeus, tendo pedido o santo batismo a maior parte deles na Sicília e na Sardenha. Pôde tanto com os gregos o elevado conceito que formaram de sua eminente santidade e de seu raro mérito que logrou ver extintos todos os cismas particulares e todas as turbações que depois de tanto tempo afligiam as igrejas do Oriente e detinham o curso aos progressos do Evangelho. Mas o empenho mais glorioso de seu pontificado, e também o mais vantajoso para toda a Igreja, foi a conversão dos ingleses, que com justa razão lhe mereceu o título de apóstolo da Inglaterra.

É verdade que a Grã-Bretanha havia abraçado o cristianismo muitos anos antes, no tempo de seu rei Lúcio; mas, depois que os ingleses e os saxões, povos idólatras saídos da Germânia, se haviam apoderado daquela ilha, havia voltado a idolatria a tomar posse de toda ela, apagada quase de todo a luz do Evangelho. Sendo ainda Gregório monge e tendo visto em Roma uns escravos ingleses de poucos anos, de formoso aspecto e de bela disposição, lastimou-se muito da desgraça daquelas almas quando soube que eram gentios. Pediu e conseguiu do papa Pelágio que o enviasse por missionário daquela nação; e já havia saído de Roma para pregar na Inglaterra a Jesus Cristo quando o papa lhe mandou voltar, pelos clamores do povo romano, que embaraçaram seus apostólicos intentos, mas não puderam entibiar o ardor de seu zelo. Vendo-se já pastor universal de toda a Igreja, enviou à Inglaterra Santo Agostinho, prior de seu mosteiro de Santo André, com alguns outros monges, e escreveu aos reis da França, da Borgonha e da Austrásia, aos arcebispos de Arles, de Aix, de Viena e ao governador da Provença, exortando-os a favorecer aquela santa empresa. Tendo chegado os missionários a Aix, quase desmaiaram de todo à vista da pintura que lhes fizeram dos ingleses e das imaginárias dificuldades da viagem que lhes avultaram. Mas São Gregório os alentou com a carta que lhes escreveu, protestando-lhes que ele mesmo iria trabalhar naquela grande obra se pudesse e prometendo-lhes feliz sucesso de seus trabalhos. Com efeito, derramou o Senhor tantas bênçãos sobre aquela missão, e foi a messe tão abundante que, embora se juntassem aos missionários muitos sacerdotes franceses, dentro de pouco tempo viu-se o santo papa precisado a enviar novos operários, e em menos de três anos veio a ser a Inglaterra uma das mais florescentes porções da Igreja.

Não se limitou o zelo de nosso santo à conversão da Grã-Bretanha. Não houve nação em todo o mundo cristão, não houve quase igreja particular que não experimentasse os efeitos da vigilância, da aplicação e da caridade deste grande pontífice. Mas o que é mais digno de nossa admiração, e se pode ter como espécie de milagre, é que este grande santo pudesse fazer tantas maravilhas em tão pouco tempo, estando continuamente enfermo; porque se pode dizer que os curtos intervalos de sua quebrantada saúde não eram mais que trânsitos de uma enfermidade a outra; e com tudo isso jamais cessou de escrever, de instruir, de pregar, de velar, não só sobre as necessidades espirituais, mas também sobre as temporais dos povos.

Mas todas estas vastas e laboriosas ocupações não lhe estorvaram viver durante todo o seu pontificado com a mesma regularidade e com a mesma abstinência que se estivesse no mosteiro. Seus jejuns eram contínuos, e suas rendas não pareciam suas, mas dos pobres.

Todos os dias tinha por convidados em sua mesma mesa a muitos deles, e o Senhor lhe deu a entender com repetidos milagres quão grata lhe era esta caridade. Ia um dia lavar os pés a um pobre peregrino, segundo seu santo costume, e o pobre de repente desapareceu. Aquela mesma noite apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: Gregório, outros dias me recebes em meus membros, mas ontem me recebeste em minha pessoa. Tinha escritos num livro os nomes de todos os pobres da cidade de Roma, dos arrabaldes e lugares circunvizinhos, a quem assinalava uma esmola diária segundo sua necessidade. Tendo sabido que em certa aldeia se havia encontrado morto um pobre, afligiu-se tanto, temendo que aquele pobre houvesse morrido de fome por culpa sua, que em três dias se interditou o exercício de toda função sagrada em penitência de sua imaginada culpa.

Sustentava em Roma três mil religiosas; e costumava dizer que estava muito obrigado às lágrimas e às orações daquelas santas virgens, porque, com o muito poder que tinham com Deus, haviam divertido a outra parte as armas dos lombardos e haviam restituído a paz à Itália. A certo bispo de um exterior muito composto, mas pouco liberal com os pobres, escreveu-lhe: Que as rendas do prelado eram dos necessitados; que importava pouco viver com grande retiro e ter muita oração se não se faziam muitas esmolas; e que o bispo devia olhar os pobres como se fossem filhos seus.

Constituído por Deus como pai comum de todos os fiéis, estendia sua vigilância a todas as suas necessidades.

Repreendeu a Januário, bispo de Cagliari, por haver-se valido do poder que Deus lhe havia dado para vingar uma injúria particular. Escreveu a Desidério, arcebispo de Viena, que não perdesse o tempo, joia preciosíssima, em ler livros inúteis e profanos; e deu uma severa repreensão a Natal, bispo de Salona na Dalmácia, porque, desatendendo o cuidado de sua igreja, passava os dias em convites e em ostentosas profanidades. A Pimênio, bispo de Amalfi, mandou-lhe dizer que não o havia Deus feito bispo para que estivesse continuamente fora de seu bispado; e assim, ou que o renunciasse ou que tratasse de guardar a devida residência.

Era exatíssimo seu zelo, mas nunca amargo, sendo a suavidade parte de seu caráter; e, como era extremadamente humilde, foi sempre aprazível, doce e sumamente sofrido.

Promulgou uma lei o imperador Maurício, proibindo que nenhum soldado tomasse o hábito de monge. São Gregório tomou a pena e escreveu-lhe nestes termos: Seria fazer-se réu diante de Deus o não falar com sinceridade aos príncipes. A lei que proíbe aos soldados abraçar o estado religioso confesso, Senhor, que me estremece pelo que toca a vós; porque é fechar a muitos o caminho do céu. Mas quem sou eu que falo assim a um grande imperador senão um verme da terra? Com tudo isso não posso deixar de falar-lhe desta maneira, vendo que o imperador se opõe a Deus. Vede aqui o que Jesus Cristo vos diz por minha boca: De secretário te fiz capitão da guarda, depois césar, depois imperador e pai de outro imperador: e tu desvias teus soldados de meu serviço? Que tereis que responder quando o soberano Dono vos peça conta de vossa administração?

Fez pouco fruto no imperador esta prudente representação; e João, patriarca de Constantinopla, chamado o Jejuador, contribuiu muito a irritá-lo contra nosso santo. Havia sido monge o patriarca e havia ascendido àquela sede pela recomendação que lhe dava um exterior modesto e mortificado; mas por trás deste exterior afetado e penitente ocultava um insuportável orgulho, a cuja persuasão tomou o título de patriarca universal, enquanto São Gregório, único vigário de Jesus Cristo, não usava outro em suas cartas que o de servo dos servos de Deus.

Teve muito que padecer o santo pontífice, assim por parte do imperador como dos que eram inimigos da Igreja; mas sempre se mostrou maior em meio das contradições. Oprimido de enfermidades, exercitado com perseguições, consumido dos cuidados que lhe dava a solicitude da Igreja universal, nem por isso cessava de escrever e pregar. À vista do grande número de cartas que escreveu a todo gênero de pessoas, cheias todas daquele espírito de Deus que animava todas as suas ações, e ao considerar a multidão prodigiosa de suas admiráveis obras, cheias de uma eloquência varonil, poderia parecer que São Gregório havia vivido oitenta anos num deserto, ocupado unicamente em meditar, em ler e em escrever.

Fora dos *Morais* sobre Jó, de que já falamos e estão divididos em trinta e cinco livros, compôs os *Diálogos* sobre a vida e milagres dos santos da Itália. Trabalhou esta obra a instâncias de seus irmãos, como o mesmo santo o diz, isto é, de Pedro, seu amigo antigo, e de alguns outros monges de seu mosteiro de Santo André, que viviam familiarmente com ele. As demais obras de São Gregório são o *Pastoral*, vinte e duas homilias sobre Ezequiel, quarenta homilias sobre os evangelhos, o *Antifonário*, o *Sacramentário* e oitocentas e quarenta cartas, divididas em doze livros.

Esta multidão assombrosa de ocupações, a cada qual mais pesada, não lhe embaraçou para aplicar sua atenção a outras coisas menores. Fundou um seminário de músicos ou cantores e dedicou-se a reformar o canto da Igreja, compondo o que agora se chama canto-chão ou canto gregoriano. Seu zelo, sempre industrioso pela salvação das almas, inventou e introduziu as ladainhas e procissões, que instituiu para aplacar a ira de Deus, que afligia a cidade de Roma com uma cruel peste. Reformou a profanidade, desterrou os abusos e restituiu a seu antigo esplendor a disciplina eclesiástica, secular e regular. Tantos e tão apostólicos trabalhos acabaram por fim aquela debilíssima saúde; e no dia 12 de março do ano 604, perto dos sessenta de sua idade, aos treze anos, seis meses e três dias de pontificado, foi este grande santo receber no céu o prêmio devido a suas gloriosas fadigas. Foi enterrado seu corpo com as honras correspondentes junto à sacristia antiga da basílica de São Pedro. Os papas Clemente VIII e Paulo V fizeram trasladar suas relíquias à nova igreja de São Pedro do Vaticano. O mosteiro de São Medardo de Soissons se gloria de ter algumas de São Gregório desde o ano 826; e a cidade de Sens julga estar de posse de sua santa cabeça. Todo o universo rende solene culto a São Gregório. Até os próprios gregos, embora tão pouco devotos dos santos da Igreja latina, deram-lhe lugar em sua liturgia; e no ano 747 estabeleceu-se na Grã-Bretanha a festa de São Gregório, como principal apóstolo da Inglaterra, desde que os ingleses e os saxões entraram a ocupar o lugar dos britões.

Martirológio Romano

Em Roma, São Gregório, papa, doutor esclarecido da Igreja, o qual, pelas coisas memoráveis que fez e por haver convertido os ingleses à fé de Cristo, é chamado o Grande e o apóstolo da Inglaterra.

Também em Roma, São Mamiliano, mártir.

Em Nicomédia, a paixão de São Pedro, mártir, o qual, sendo camareiro do imperador Diocleciano e queixando-se de cara descoberta dos imensos tormentos que se davam aos mártires, por ordem do mesmo imperador foi conduzido à sua presença e primeiramente, tendo-o pendurado, estiveram açoitando-o muito tempo, depois lançaram-lhe nas chagas sal e vinagre; finalmente, numas grelhas o assaram a fogo lento, e desta sorte veio a ser legítimo herdeiro da fé e do nome de São Pedro.

Ali mesmo, os santos Egdúnio, presbítero, e outros sete que foram afogados cada dia um, para aterrar os demais.

Em Constantinopla, São Teófanes, o qual, sendo muito rico, fez-se monge pobre e, por venerar as sagradas imagens, esteve preso dois anos por ordem do ímpio Leão Armênio; depois o desterraram a Samotrácia, onde, consumido de misérias e esclarecido em milagres, entregou sua alma ao Criador.

Em Cápua, São Bernardo, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra de nosso santo, e a oração da missa é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui animæ famuli tui Gregorii æternæ beatitudinis præmia contulisti: concede propitius, ut qui peccatorum nostrorum pondere premimur, ejus apud te precibus sublevemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que premiastes com a eterna bem-aventurança a alma de vosso servo São Gregório, concedei-nos misericordiosamente que, pois estamos oprimidos com o peso de nossos pecados, sejamos aliviados dele pela eficácia de suas orações. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«Achava-se São Paulo em Roma preso e quase abandonado de todos os seus discípulos; porque a Erasto e a Trófimo os havia deixado no caminho; Demas o havia abandonado e voltado às licenças do século; Crescente estava na Galácia e Tito na Dalmácia, ocupados ambos em seus apostólicos ministérios. Nestas circunstâncias escreveu esta segunda epístola a Timóteo, instando-o para que em companhia de Marcos viesse vê-lo antes que entrasse o inverno e assegurando-lhe que já estava para pôr fim a sua carreira por meio do martírio. Exorta-o a que pregue o Evangelho apesar da resistência que possam fazer os falsos irmãos. Escreveu-se esta carta no ano de 65 ou 66.»

Reflexões

Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt: virá tempo em que os homens não poderão sofrer a doutrina sã. Demasiado chegou já este tempo de relaxação e de indocilidade. Em que outro tempo mais que em nosso infeliz século gostam menos da doutrina de Jesus Cristo os homens que se prezam de cristãos? Quando se buscou com maior empenho uma moral amiga dos sentidos, uma doutrina sociável e acomodada?

Se se prega ao povo e à multidão: quantos covardes temperamentos! Quantas benignas interpretações da lei! Parece que se teme inquietar ou assustar as consciências. Pernicioso medo! Cruel compaixão!

Se se prega na presença dos grandes: bom Deus, com que circunspecção, com que tento se fala dos mais terríveis, dos mais importantes mistérios da religião! Que atenção, que cuidado em não especificar, em não caracterizar demasiado a licença dos costumes, por não irritar a indevoção dos cortesãos, por não lastimar a delicadeza dos afortunados do século! Desagrada de ordinário o que aperta demasiado; teme que o comovam aquele que está bem achado na desordem. Ó grande Deus, e que transtorno, não só do juízo, mas do próprio interesse! Na verdade encontram-se ainda alguns homens apostólicos que não sabem adular e têm valor para pregar a palavra de Deus e não a sua. Os maiores príncipes os ouvem com respeitosa, com religiosa docilidade e autorizam a doutrina com seu exemplo, com sua cristã vida. Mas esses jovens dissolutos que muitas vezes não têm mais mérito que o de seu distinto apelido e o contar muitos homens honrados entre seus avós; essas damas do grande mundo, essas mulheres vãs e sem reputação; esses escravos das diversões e dos entretenimentos que imaginam haver nascido só para divertir-se e para folgar; essas infelizes vítimas dos deleites que fazem vaidade e pouco lhes falta para fazer mérito da irreligião; essas almas tão pouco cristãs que passam os dias em certa refinada ociosidade e regalo; todas estas pessoas de classe e distinção tomam gosto à doutrina, à moral do Evangelho? Com que docilidade ouvem aqueles oráculos de Jesus Cristo, de que é mister sujeitar as paixões, mortificar os sentidos, levar a cruz, cumprir com as obrigações da justiça e da lei para ser seus discípulos? E com que disposição leem um livro espiritual, ouvem um sermão e se apresentam ao sagrado tribunal da penitência? Julguemo-lo por seus costumes.

Estarão endurecidos na desordem até chegar a perder todo sentimento de religião? Não; mas ajusta-se a religião aos desejos; faz-se dependente das paixões; fecham-se ou desviam-se os ouvidos para não ouvir a verdade: *a veritate quidem auditum avertent*; forja-se um sistema de moral e de religião segundo a ideia de cada um; e dedica-se toda a atenção às fábulas, à mentira e ao embuste: *Ad fabulas autem convertentur*. É mister confessar que são bem dignos de compaixão os cristãos quando chegam a cegar-se tanto. Mas muito mais o são aqueles indignos e covardes ministros, aqueles diretores lisonjeiros e aduladores, aqueles falsos profetas que nutrem os fiéis na relaxação e no erro, ou por sua ignorância ou por sua cruel condescendência: *Ipse impius in iniquitate sua morietur; sanguinem autem ejus de manu tua requiram* [^1]: o ímpio morrerá em sua iniquidade; mas a ti hei de pedir conta de seu sangue.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus, o mesmo do dia 7.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** [13] Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. [14] Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, [15] neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. [16] Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. [17] Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. [18] Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. [19] Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: [13] Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. [14] Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. [15] Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. [16] Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. [17] Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. [18] Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. [19] Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Da fidelidade nas coisas pequenas

Primeiro ponto

Considera que a fidelidade nas coisas pequenas nunca se teve por uma virtude mediana. Não parece haver prova mais visível do muito que se ama a Deus que o cuidado de não desgostá-lo na coisa mais mínima.

As ações de maior estrépito e de maior honra nem sempre são as que mais custam, nem mesmo as que mais valem; as mais miúdas, as mais obscuras em matéria de devoção, especialmente quando se oferecem frequentes ocasiões de repeti-las, são de ordinário as que mais mortificam e para as quais é mister maior vencimento. Algumas vezes com um mediano amor de Deus se podem fazer coisas grandes; mas é possível ser constantemente fiel nas pequenas sem um grande amor de Deus?

O mesmo Jesus Cristo parece que atende unicamente a esta singular fidelidade quando se trata de premiar os que o serviram. Alegra-te, servo bom e fiel, que, porque o foste em poucas coisas, eu te colocarei sobre muitas. Lastimoso erro o daqueles que só aspiram a ser devotos e a ser fiéis em coisas de entidade. Dever-se-á crer que fazem por amor de Deus o mais dificultoso quando não querem executar o mais fácil?

A razão, o bem-parecer, o pundonor, um pouco de boa criação, os respeitos humanos e até a mesma vaidade podem contribuir muito para cumprir com aquelas obrigações essenciais a que não se pode faltar sem nota e sem descrédito; mas ser exato em cem miúdas observâncias em que se poderia dispensar sem parecer menos bom, menos cristão, menos religioso, certamente uma fidelidade tão desinteressada não pode deixar de ser ou efeito ou causa de uma eminente virtude.

Aquelas vitórias brilhantes, aqueles sacrifícios heroicos, aquelas obras de virtude que fazem tanto ruído edificam muito na verdade; mas são raras, ao passo que estas outras vitórias do gênio, do natural, do humor, das paixões são vitórias de todos os dias e muitas vezes de todas as horas. Que tesouro de merecimentos nesta multidão de triunfos! Meu Deus, pode haver maior ilusão ou tentação mais perniciosa que a de imaginar que a virtude não depende desta pontual e exata fidelidade?

Mas ilusão, mas erro tanto mais digno de temer-se quanto é mais comum e quanto é menos temido. Oh, Senhor, e que dor é a minha por haver eu incorrido também num erro tão grosseiro! Fazei, Senhor, que daqui em diante seja minha conduta a prova mais visível de meu arrependimento.

Segundo ponto

Considera que é tão agradável a Deus esta exata fidelidade nas coisas mais miúdas que dela, por dizê-lo assim, quis fazer pendentes as maiores maravilhas.

Que cerimônia mais leve que a de ter as mãos levantadas para o céu? Pois com tudo isso, desta postura pendeu a vitória de Israel contra os amalecitas.

Para vencer os madianitas escolheu Deus a só trezentos soldados que, por serem menos regalões ou mais mortificados que os outros, não se lançaram de bruços para beber no rio com maior comodidade. A circunstância é bastante leve; e em meio disso esta minúcia foi a que deu a vitória ao povo de Israel.

Ferir a terra duas ou três vezes mais era uma cerimônia bem miúda. Contudo, que fizeste, Joás?, grita o profeta Eliseu; não feriste a terra mais que três vezes? Pois sabe que, se a tivesses ferido cinco ou seis: *Si percussisses quinquies, aut sexies*, ter-te-ias feito dono de toda a Síria.

Porventura se batem e se arruínam as fortificações de uma praça soando uma trombeta? Porventura se desmantelam as muralhas de uma cidade dando processionalmente uma volta ao redor dela? E não obstante não quer o Senhor que se empreguem outras armas para derrubar os soberbos muros de Jericó; toda a força de Sansão está ligada a seus cabelos; e que virtude não comunicou Deus à débil vara de Moisés! Bom Deus, que instruções tão importantes nos dão estas figuras! Que mistérios encerram! A quantos tíbios e covardes no serviço de Deus se lhes poderia dizer: *Si percussisses quinquies, aut sexies?* Gemendo estás ainda sob o tirano poder dessa paixão dominante, ainda te deixas arrastar dela, depois de haver feito tantos esforços para vencê-la; com razão te estremeces ao ver-te tão imperfeito depois de haver recebido tantas graças. Ah, que não faltou mais que um pouco de maior fidelidade em cumprir com as miúdas obrigações; um pouco de maior exatidão na observância das regras que pareciam de menos monta: *Si percussisses quinquies, aut sexies.* Têm-se por minúcias as obrigações miúdas e por omissão de quase nenhuma consequência a pouca fidelidade em desempenhá-las. Daí nascem tantos Sansões fatalmente sepultados entre as ruínas, tantas vitórias perdidas.

Aquele magnífico elogio que faz o Espírito Santo da mulher forte, a que se reduz? Sobre que recai? Declara que sua virtude não tem preço; que para encontrar uma mulher de iguais prendas é mister andar muitas terras, buscá-la nos países mais remotos: *Procul, et de ultimis finibus pretium ejus.* E isto por quê? Porque se aplica a fiar; porque se dedica a dar gosto a seu marido; porque cuida de seus filhos e de sua família; porque paga aos oficiais com pontualidade. Todas obrigações comuns, na aparência pouco essenciais, devoção de pouco ruído; contudo, a isto se reduz todo o mérito e todo o elogio desta mulher extraordinária; mas quantas pessoas olham todas essas minúcias como coisas indiferentes?

Meu Deus, que dor se sentirá à hora da morte, quando se pense no que pode ser que ponha em perigo a salvação! Se para ter muita virtude fosse mister fazer grandes coisas, nem por isso seríamos escusáveis em não o haver pretendido; mas, quando virmos que a virtude mais eminente pendia de certa maneira da fidelidade nas coisas pequenas, que dor, que desesperação! E que será de mim, Senhor, se não me aproveito desta meditação? Tudo espero de vossa divina graça; e em virtude dela me atrevo a prometer que de hoje em diante estareis contente de minha fidelidade.

Jaculatórias

> *Dixi Domino: Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Sl 15.

Muitas vezes disse ao Senhor: Vós sois meu Deus, e não tendes necessidade de meus bens.

> *Intelligite hæc qui obliviscimini Deum.* Sl 49.

Entendei bem isto, os que viveis esquecidos de Deus, especialmente em matérias ligeiras.

Propósitos

1. Nunca esqueças a parábola dos talentos e as expressões de que se vale Deus para fazer-nos apreciar a fidelidade nas coisas pequenas: *Quia super pauca fuisti fidelis.* Este só oráculo vale por todas as reflexões, por todos os mandamentos juntos. Em outro tempo, lá nos primeiros dias de tua conversão, nos primeiros anos de fervor, tinhas certas devoções, certos pontos de observância a que jamais faltavas sem remorso, fazendo escrúpulo de ser menos exato neles. Que se fez daquela pontualidade, daquela exatidão no cumprimento da lei? Que se fez daquela fidelidade nas coisas mais pequenas? A doutrina de Jesus Cristo não se muda. Quanto mais te vás afastando do dia de tua conversão, deverias ser mais regular, mais exato, mais mortificado, mais fiel. Examina aqui teu coração e ouve o que te diz tua consciência; mas não deixes passar este dia sem pôr eficaz remédio a tua tibieza. Nota desde logo os pontos em que te sentes relaxado: a oração, as devoções, as penitências, as mortificações, tudo o que começaste a fazer e depois omitiste. Se és religioso, aponta as regras em cuja observância te dispensas, as ordens dos superiores de que fazes pouco apreço; e em qualquer estado em que te achares, nota tudo aquilo que necessita de remédio pronto. Não te contentes com dizer: Já me lembro disso, tudo o tenho muito presente. Não pode sofrer o inimigo de nossa salvação que se escrevam os propósitos, porque sabe bem que é admirável remédio para que sejam mais eficazes. Escreve-os, volto a dizer, e entrega a teu diretor o papel onde notares os pontos de tua reforma, suplicando-lhe que em todas as confissões te peça estreita conta deles. Com estes meios e com semelhantes piedosas indústrias recobra-se logo o fervor e anda-se muito caminho em pouco tempo.

2. Quando leres as vidas dos santos, repara cuidadosamente a exatidão com que foram fiéis nas coisas mais pequenas. Nenhum deixou de ser muito sobressalente neste particular, porque não há meio mais seguro para conservar a inocência. Fazia deles tanto caso São Francisco Xavier que, em meio das mais importantes e mais trabalhosas ocupações, era tão exato em cumprir com suas devoções como poderia sê-lo o noviço mais fervoroso. Professava terna devoção às cinco chagas de Cristo e à Conceição da santíssima Virgem, fazendo todos os dias a curta oração com que se acabará esta novena.

Oração para o último dia dela.

«Glorioso São Francisco Xavier, que tivestes sempre tão grande fidelidade nas coisas mais pequenas, tão afetuosa devoção às sagradas chagas de Cristo nosso Senhor e tão terno amor à santíssima Virgem, suplico-vos que me alcanceis de Deus estas mesmas virtudes; que daqui em diante seja servo fiel nas coisas mais miúdas, de que faz tanto caso o soberano Dono; que em vida e em morte ache abrigo nas sagradas chagas de meu Salvador e que em todo tempo encontre na santíssima Virgem todos os ofícios de uma boa mãe. Não permitais que acabe esta novena sem

conseguir a graça que tantas vezes vos pedi nela, se há de ser para maior glória de Deus e bem de minha alma. Amém.»

Oração de São Francisco Xavier às cinco chagas.

«Ó Jesus, Deus de meu coração, suplico-vos, por aquelas cinco chagas que o amor aos homens vos abriu na cruz, que favoreçais vossos servos, que resgatastes à custa de vosso preciosíssimo sangue. Amém.»

[^1]: Ez 3.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:55 by Admin